

RESENHA DE *JUSQU'AU BORD DE SON RAVIN: LES VERBES DE L'ÉCRITURE*

REVIEW OF *TO THE EDGE OF ONE'S RAVINE: THE VERBS OF WRITING*

Raíssa Palma de Araújo e Silva

Universidade de Brasília

raissapalma.fle@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8717-5791>

MOUAWAD, Wajdi. *Jusqu'au bord de son ravin: les verbes de l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2025. 324 p.

RESUMO: A obra *Jusqu'au bord de son ravin*, de Wajdi Mouawad, reúne suas lições proferidas em 2025 no Collège de France, explorando a escrita como um risco absoluto. O autor propõe que escrever não se ensina, sendo antes uma “queda no vazio” que exige o apagamento da razão para acessar a sombra interior, enraizada na violência da história. Estruturado em oito verbos fundamentais: ser, ver, tremer, escolher, encontrar, consolar, amar e morrer, o livro entrelaça a biografia do autor com reflexões políticas profundas. Mouawad subverte a máxima de Adorno, afirmando que, após Auschwitz e diante de Gaza, apenas a palavra poética é possível e necessária. O ato de contar histórias torna-se um dever ético de resistência contra a barbárie e o esquecimento. Em última análise, a obra é um manifesto sobre a dignidade humana através da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita; Ravina; Memória.

ABSTRACT: Wajdi Mouawad's work, *To the Edge of One's Ravine*, brings together his 2025 lectures at the Collège de France, exploring the act of writing as an absolute risk. The author proposes that writing cannot be taught; it is instead a "fall into the void" that requires the suspension of reason to access an inner shadow deeply rooted in the violence of history. Structured around eight fundamental verbs—to be, to see, to tremble, to choose, to encounter, to console, to love, and to die—the book intertwines the author's personal biography with profound political reflections. Mouawad subverts Adorno's famous maxim, asserting that after Auschwitz and in the face of Gaza, only poetic language is truly possible and necessary. Consequently, the act of storytelling becomes an ethical duty of resistance against barbarism and oblivion. Ultimately, the work serves as a manifesto for human dignity through the power of language.

KEYWORDS: Writing; Ravine; Memory.

A obra mais recente de Wajdi Mouawad, *Jusqu'au bord de son ravin: les verbes de l'écriture*, publicada pelas Éditions du Seuil em outubro de 2025 e ainda não publicada no Brasil, representa um marco na trajetória intelectual e artística do autor franco-canadense-libanês. Este volume é o resultado de um ciclo de oito lições proferidas pelo dramaturgo no prestigiado Collège de France, durante o ano de 2025, no âmbito da cátedra anual “A Invenção da Europa pelas Línguas e Culturas”. Ao longo de suas páginas, o autor de *Incêndios* e atual diretor do Théâtre de la Colline propõe uma investigação profunda e sensível sobre os mecanismos da criação literária e a função da poesia diante da violência do real.

A proposta de Mouawad não se limita a uma reflexão teórica sobre o fazer teatral; ela constitui um mergulho autobiográfico e político que questiona a própria possibilidade de se ensinar a escrever. O livro organiza-se em torno da exploração de oito verbos fundamentais: ser, ver, tremer, escolher, encontrar, consolar, amar e morrer, que servem como eixos para desvelar a “sombra em si que escreve” (*l'ombre en soi qui écrit*), que constitui o título da conferência inaugural, publicada em outro volume.

A ESCRITA COMO QUEDA E IMPOSSIBILIDADE

Na conferência de abertura, intitulada “A sombra em si que escreve”, Mouawad estabelece a premissa fundamental de que a escrita nasce de um fragmento que escapa ao saber. Utilizando a metáfora de Ulisses, que pede para ser atado ao mastro para resistir ao canto das sereias, o autor sugere que o poeta deve oferecer uma resistência obstinada à atração do conhecimento técnico puro. Para Mouawad:

Certaines choses donc ne s'enseignent pas. Non seulement elles ne s'enseignent pas, mais l'acte de vouloir les enseigner les annule aussitôt. Elles doivent leur présence à l'effacement de la raison. Peut-être à une folie, à une transe, une perte, une dérive. Peut-être aussi, sans doute même, au sang qui est pour beaucoup dans l'ardeur d'une ombre qui trouve ses origines dans les profondeurs de nos violences et nos barbaries (Mouawad, 2025b, p. 25).¹

Essa perspectiva posiciona a escrita em um lugar de risco absoluto. Escrever é, na definição do autor, “cair no vazio” ou caminhar “até a borda de seu próprio barranco”. O livro propõe que o ato de escrever exige o desaprendizado da razão em favor de um contato com o invisível e o traumático.

A GRAMÁTICA DA EXISTÊNCIA: OS OITO VERBOS

A presença da escrita dependeria, assim, do apagamento da razão e de um contato com as profundezas das nossas violências e barbaridades, aprendendo-se que, tal como cair no vazio, escrever não se ensina.

A conferência 1, “Epifania do verbo ser”, aborda a autobiografia não como propriedade de si, mas como usufruto, onde o “si mesmo” funciona apenas como o material bruto da obra. Partindo de uma reflexão sobre o silêncio, descrito como uma forma sonora da sombra, o autor evoca o nascimento da inspiração como o primeiro canto do pássaro que anuncia a aurora. É necessário proteger esse silêncio para que a criação possa surgir como a brusca emergência de um astro que estava

¹ Há, portanto, coisas que não se ensinam. Não apenas não se ensinam: o próprio ato de tentar ensiná-las as anula de imediato. Sua presença depende do apagamento da razão. Talvez de uma loucura, de um transe, de uma perda, de um desvio. Talvez também, e sem dúvida, do sangue, responsável pela intensidade de uma sombra cujas origens se enraízam nas profundezas de nossas violências e barbáries.

eclipsado.

Na conferência 2, “Política do verbo ver”, Mouawad introduz a dimensão política da narrativa, contrastando a “covardia da opinião” com a “coragem do ponto de vista”. Ele utiliza quatro marcos do século XVI (a criação de *Hamlet* de Shakespeare, a publicação de *Dom Quixote* de Cervantes, as revoluções das esferas celestes de Copérnico e a chegada de Colombo à América), para demonstrar como o tempo, o espaço e o sujeito se entrelaçam na narrativa moderna. Assim, o ato de contar histórias torna-se um verbo político que estrutura a cidade e mantém viva a noção de loucura na memória coletiva.

A conferência 3, “Ética do verbo tremer”, explora a matéria de que somos feitos, situando o escritor em um equilíbrio precário entre a poesia e a filosofia. Mouawad descreve a escrita como um “templo subterrâneo” onde o autor rasteja para consultar um oráculo na escuridão da caverna, lugar da pré-escrita. Invocando Cassandra como a primeira autora (a sacerdotisa cuja maldição de não ser acreditada é compensada pela força de sua profusão verbal), ele propõe uma escrita que funcione como um ato premonitório diante da violência da História.

Na conferência 4, “Quebra-cabeça sem imagem do verbo escolher”, o foco recai sobre o vínculo trágico entre a intimidade e a História. Mouawad propõe uma estética da reconstrução a partir do fracasso e da “gagueira”, em que a história deve ser recomposta por rascunhos e rasuras quando a imagem original se perdeu. Se tudo é escritura, qualquer fragmento pertence à mesma história, desafiando o autor a escolher a direção da flecha mesmo ignorando o alvo diante da infinidade de possíveis.

A conferência 5, “Singularidade do verbo encontrar”, mergulha no conceito de imaginal de Henry Corbin, buscando o interstício entre a vigília e o sono onde a escrita encontra seu fantasma. Apoiando-se na obra de Jean Rouch e de Kafka, o autor reflete sobre o que a escrita deve à “deriva” e à variação lenta de uma grandeza. Esse encontro revela uma “Anunciação” interior, onde um anjo anuncia ao escritor a sombra que nele escreverá, revelando tanto o monstruoso quanto o sublime.

Na conferência 6, “Violência e crueldade do verbo consolar”, a escrita é apresentada como portadora dos germes do amor, mesmo em sua face mais cruel. Mouawad explora o sentido de escrever “por” alguém, tanto no endereço ao outro quanto no ato de escrever “em lugar de” quem foi privado da palavra. O escritor deve tornar-se a língua do outro, transformando o testemunho em um ato de consolação, reparação, restauração e tradução das feridas alheias.

A conferência 7, “Quatro dimensões do verbo amar”, apresenta o amor como um verbo de contestação. O autor questiona o horizonte que a observação do radicalmente diferente oferece ao escritor, obrigando-o a um deslocamento em direção ao inimigo. Amar torna-se o ato de quebrar o próprio estilo e deslocar o canto para amar aquele que deveria ser odiado, evitando as armadilhas de uma escrita banhada apenas em indignação.

Finalmente, na conferência 8, “Canícula do verbo morrer”, Mouawad encara a morte e o fim da obra como um abandono necessário. Sabendo que terminar é uma ilusão, ele discute como aceitar o ponto final e o luto que o acompanha, submetendo-se à injunção da sombra interior que dita que a obra já não lhe diz respeito. O trabalho da estrutura permitiria que a finalidade se cumprisse,

exigindo que o autor, ao ver a morte surgir, abra a janela para que a palavra possa finalmente ser entregue ao mundo.

A DIMENSÃO POLÍTICA E O DEVER DE CONTAR

Um dos aspectos mais impactantes de *Jusqu'au bord de son ravin* é o diálogo constante com a tragédia contemporânea. Mouawad, marcado pela guerra civil libanesa e pelo exílio, transpõe sua dor pessoal para o contexto de conflitos atuais, como os de Gaza e da Ucrânia. O autor propõe uma subversão da famosa máxima de Adorno sobre a impossibilidade da poesia após Auschwitz.² Para Mouawad, “após Auschwitz, após o Ruanda, à hora de Gaza [...] só a palavra poética é doravante possível. [...] Tudo o que não é poema é traição.”

Essa responsabilidade ética transborda para o campo diplomático, conforme registrado em seu texto para o *Le Monde* em setembro de 2025, quando acompanhou a delegação francesa na Assembleia Geral da ONU. Diante da “esquizofrenia” entre o lançamento do iPhone 17 e a fome em Gaza, Mouawad questiona recorrentemente: “Como terminar uma tragédia?” Sua resposta reside no dever de contar, mesmo na escuridão, para que as gerações futuras possam reconhecer valores como a justiça quando eles ressurgirem.

CONCLUSÃO: UMA OBRA DE RESTAURAÇÃO

Em suma, o novo livro de Wajdi Mouawad não é apenas um guia sobre a escrita, mas um testemunho da sobrevivência através da palavra. Ao cruzar referências que vão de Homero e Sófocles a Franz Kafka e Andrei Tarkovski, o autor constrói uma “estru-tura afetiva” que tenta reparar as feridas da História através da tradução e do testemunho. *Jusqu'au bord de son ravin* reafirma que escrever é um ato de dignidade e que tudo o que não é poema corre o risco de ser traição. A obra consolida Mouawad como um dos pensadores essenciais do século XXI, alguém que, ao encarar sua própria ravina, oferece ao leitor a mão necessária para o salto em direção ao humano.

REFERÊNCIAS

COLLÈGE DE FRANCE. *Les verbes de l'écriture*: programme (2024-2025). Disponível em: < <https://www.college-de-france.fr/fr/agenda/cours/les-verbos-de-ecriture> >. Acesso em: 7 de agosto de 2026.

² O conceito de *mise en abyme* (narrativa em abismo) permeia a análise das conferências, sugerindo que as histórias de Mouawad se encaixam umas nas outras como matrioscas, em que a ficção reflete a realidade do autor e vice-versa.

MOUAWAD, Wajdi. *Jusqu'au bord de son ravin: les verbes de l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2025a.

MOUAWAD, Wajdi. *L'ombre en soi qui écrit: Leçon inaugurale au Collège de France*. Paris: Éditions du Collège de France, 2025b.

MOUAWAD, Wajdi. Le XXI siècle écrase tout sur son passage. Comment finir une tragédie?, *Le Monde*, Paris, 29 set. 2025c.

PICAUD, Emmanuelle. *Wajdi Mouawad: Écrire pour exister*. Paris: Portrait, Collège de France, 2025.